

UMA CONSAGRAÇÃO DE PRÁTICAS DEVOTAS NA GRAVIDEZ E NO PARTO

Isabel Serrão *

Ao abordarmos esta temática devemos entender "*práticas devotas*" como um conceito inerente à religião popular, e partir do princípio de que é possível definir esta em função da religião dita oficial. A primeira goza de uma certa autonomia face à instituição eclesiástica que, por sua vez, se apresenta dominante e dogmática.

Várias tentativas têm sido feitas para definir Religião Popular. Sublinhemos o facto de esta ser fruto da criação colectiva e como tal pertencer ao fundo cultural da comunidade. E não esqueçamos que tem como característica fundamental a existência constante da materialização do espiritual, a qual está mais enraizada numa certa categoria social de tipo mais rural do que urbano, com uma instrução mais elementar na perspectiva de relacionamento encontrada nos binómios: profano/sagrado e irracional/racional. Constituída como facto cultural é preponderantemente transmitida de geração em geração com o carisma de tradicional, sem contudo deixar de apresentar algumas mudanças, adaptações inseridas por alguma corrente de modernidade.

Para auscultarmos a religiosidade popular escolhemos dois momentos que simultaneamente se definem e se completam em torno do acto de NASCER: a gravidez, enquanto passado, e o parto, como presente. ⁽¹⁾

Como protagonista — a mulher, no centro da sua condição feminina. Ao dar à luz ela cumpre as suas funções biológicas, familiares e sociais. A experiência de ser mãe confere-lhe um ascendente no seio da família e por acréscimo um outro estatuto na sociedade.

A herança cultural que recebeu da mãe e da comunidade que acompanhou o seu desenvolvimento, vai inconscientemente e renovadamente exprimir-se por atitudes perfeitamente ajustadas aos condicionalismos de tempo e de espaço que envolvem a sua própria vivência, e que inevitavelmente condicionam a "realidade" que envolve o nascimento do seu filho. ⁽²⁾

Independentemente de o espaço exterior ser urbano ou rural, o Acto de Nascer repete-se e tudo acontece num ritual de dor que o povo consagrou com

* Mestre em História Moderna. Professora efectiva do Ensino Secundário.

expressões do tipo: *"A dor ensina a parir"* e *"Parir é dor e o criar é amor"*.

Ao longo dos nove meses, a sensibilidade da mulher vai-se exacerbando. Em torno do seu corpo e dos mecanismos fisiológicos deste, avultam conceitos de pudor e de imoralidade. Tudo no corpo é suspeito e condenável. Tudo é tabu. Proscritas são as explicações. O desconhecimento dos actos de procriar e de parir é um facto que a jovem recebe como legado legítimo de uma *"eternidade"* de gerações.

Porém, mais do que nunca o corpo da mulher está em foco. A par das transformações que são normais há toda uma sintomatologia que ela observa e a que atribui uma significação precisa. A gravidez é apreendida por certas evidências que se vão exteriorizando: náuseas, vômitos e o volume do ventre são tomados como manifestações positivas primeiro. O sentir mexer o feto é já uma outra certeza.

A aventura de ser mãe está em marcha.

Atitudes como a surpresa ou o receio vêm provocar a necessidade de romper por entre o universo biológico temido e incompreendido e esse outro — o mental, onde tem repercussão um conjunto de dogmas institucionalizados pelo catolicismo e sancionados pelo Estado. A exacerbação da sensibilidade orienta-se para o sobrenatural daí decorrendo a necessidade de materializar o espiritual numa perspectiva de terapêutica preventiva.

Crenças, superstições, práticas mágicas ou devotas têm agora que desempenhar uma função, assumindo-se como um recurso doméstico na protecção mãe / filho.

Durante os primeiros três meses, só a mulher, agora mãe, deve conhecer a realidade. O desejo de vida e o receio de morte obrigam-na a resguardar-se: do mundo exterior, do falatório, das práticas mágicas, do mau olhado...

Fundamentalmente este é um período de incerteza, cujo secretismo a comunidade aceita como um rito e que exterioriza quando diz que *"a mulher grávida aos três meses encobre, aos quatro, quer e já não pode"*.⁽³⁾

Uma necessidade de resguardo que a própria medicina racional reconhece: *"ronda o perigo do aborto por estarem os panículos e ligamentos muito tenros em que se sustenta a criatura e quebrarem com qualquer movimento"*.⁽⁴⁾

Nos meses seguintes, a grávida não só pode, mas deve assumir o seu estado de prenhez perante a família e a comunidade.

O NASCER deixa de ser um acto privado e passa ao domínio do social. A sociedade exige mesmo conhecer o facto, porque havendo desconfiança sobre uma possível tentativa de aborto, a autoridade interfere e com o seu poder *"bota-lhe a vara"*, isto é, a mãe fica obrigada a apresentar a criança, viva ou morta, no fim do tempo de gravidez.⁽⁵⁾ Processo pelo qual a sociedade assume a sua oposição ao aborto provocado.

A legislação representa o reconhecimento público da preocupação do Estado para com a criança. Para além do possível controlo moralizador porque

não reconhecermos também a convicção de que a criança é uma riqueza, e que como tal é necessário protegê-la? Não será esta mesma noção que está implícita na quadra recolhida em S. Simão de Novais?

*"Minha mãe quando me teve
Cuidava que estava rica;
Depois queria-me matar
Com remédios da botica."*

É que a sociedade exige a conservação da vida humana. É necessário renovar a população, o que só se consegue procriando, e embora o número de nascimentos possa ser elevado a verdade é que a taxa de mortalidade infantil é bastante significativa. Daí que a família, no seu núcleo mais restrito, o casal, necessite do filho que há-de socorrer os pais ao soar a hora da invalidez senão da velhice, e que há-de preservar a herança paterna e transmiti-la no futuro.

Numa outra perspectiva, a família, perante a comunidade assume o papel de unidade de produção e de consumo indispensáveis ao desenvolvimento do agregado socio-económico.

Assumida a gravidez, enquanto família e sociedade a identificam como mulher pejada, olhos postos no futuro, um gesto inconsciente da mão tocando o ventre, ela sonha... Porém, a sua vivência é condicionada por crenças e práticas tradicionais.

Toda a gravidez, e depois o próprio parto, aparecem regulamentados por um conjunto de preceitos que emergem das chamadas *"tarefas interditas"*. O receio pelo que é anormal e irregular leva a que a tradição popular enumere um conjunto de actos que não devem ser praticados por uma grávida.

Diz-se na Covilhã que *"Mulher prenhe não deve schar cebolas, nem entrar num meloal. Seca tudo!"* ⁽⁶⁾

Idêntico o conceito que a impede de fazer sementeiras *"porque estas não prosarão"*. ⁽⁷⁾

A tradição popular reconhece na grávida um poder que transcende a mulher e convencionou-se que essa força pode prejudicar o mundo que a rodeia e em que toca. Como se, mesmo à margem da sua vontade, algo se pudesse libertar de si própria e atingir outros seres vivos em fase de crescimento sugando-lhes a vida. Poder que pode ser julgado impreciso mas que é temido e obriga a futura mãe a isolar-se, a resguardar-se e a não cometer excessos. Interdito ainda é ir a um baptizado, *"porque morre a criança que vai a baptizar ou a sua"*.

Força dominante que se não for controlada pode recuar e atingir mãe e filho, seres pressupostamente vulneráveis. E teme-se que estes sejam *"marcados"*.

Uma criança que nasce marcada é alvo de interrogações e de incógnitas. *"Deus que o assinalou alguma coisa lhe encontrou"*. ⁽⁸⁾

Tudo são perigos que podem ser suscitados pelos maus espíritos, pelos maus olhados, pela intervenção dos próprios anjos, pela influência nefasta das estrelas e da própria lua. Aichabicio, de méritos reconhecidos por elementos da

classe médica na primeira metade do século XVIII, atribuía "*aos gros da lua, na altura dos conceptos, a deformidade deles*".

A necessidade de evitar os perigos levam a grávida, para além de usar este ou aquele amuleto, a aceitar as superstições. Renegar ou simplesmente duvidar pode ser arriscado... É preferível pactuar e negociar para se alcançar um parto feliz, um filho perfeito e se possível homem. Em causa está a formosura, a robustez, a índole, a inteligência e até o sexo da criança, os quais se tornam, assim elementos sagrados. O termo "*sagrado*" deve aqui entender-se como "*equivalente a tudo o que provoca atracção ou repulsa*".

A justificação racional cabe ao que se supõe, à medicina oficial, a qual procura entre tortuosas tentativas abrir um caminho digno para a "*verdade*". Helvigio, considerado "*médico douto*" por Morato Roma, também na primeira metade do séc. XVIII, afirmava que tivera na testa a figura de três morangos, porque estando grávida sua mãe, não pudera saciar esse apetite...⁽⁹⁾

São crenças ingênuas, quase caricaturais, enraizadas num simbolismo que se perde na distância. Mas atenção! Não há uma exclusividade de tradições apenas populares. Algumas, como vimos, são veiculadas pelos tratados médicos, isto é, pela medicina oficial que lhes confere a legitimidade.

O tempo escoou-se e aproxima-se o fim da viagem. A mulher está pesada, cheia. Com uma preocupação de estética a vizinhança conforta-a: "*a mulher panosa, criança formosa*".⁽¹⁰⁾

Mais do que nunca, nada que saia fora do comum pode atingir a grávida. Num ambiente de recato redobram-se os cuidados físicos: nada de exercícios violentos como o correr e o saltar, sobretudo "*se fôr num só pé e para trás*". Mas reconhece-se que o exercício facilita o parto.⁽¹¹⁾

Há todo um simbolismo que tem como objecto o movimento. Andar para trás é ensinar o caminho ao diabo, potência ctónica que surge associada aos acontecimentos ruins. Nas massagens — como no amassar do pão — os movimentos circulares devem fazer-se da esquerda para a direita, no caminho da vida, da luz, deixando para trás a morte e as trevas.

Um outro factor também interveniente é o próprio alongamento temporal. Por sua influência alguns interditos deixam de o ser. Por exemplo, a proibição do banho é levantada no final do nono mês, e este passa a ser aconselhado. Tornou-se um rito permitido pelas suas qualidades de "*dilatar o útero e de modificar as partes vizinhas*".⁽¹²⁾ Mas recordemos também que a água é um poderoso elemento purificador.

Curioso é verificar que a par dos cuidados físicos e fisiológicos como a alimentação, outros, de ordem psíquica estão igualmente previstos. Nada de preocupações, de sustos, de solidão ou de outros factores que possam actuar sobre a natureza.

E um dia chega o termo da gravidez. É o momento mais desejado e mais temido, o momento crucial — a "*hora de parir*".

O "*trabalho de parto*" inicia-se mas simultaneamente desdobra-se em vários espaços: no exterior, na casa e no quarto.

No exterior solidariza-se a vizinhança. "*Estando a mulher com as dores dão-se nove badaladas no sino, e quem as ouve reza nove Padre-Nossos e nove Avé-Marias por intenção da dorida*". ⁽¹³⁾ Esta é uma prática referente à zona do Baía. No Porto, é um parente quem vai dar um certo número de badaladas no sino da igreja. Em Lisboa, especifica-se que é o próprio marido. ⁽¹⁴⁾

Note-se, a propósito, que o toque do sino é relevante. Pode em torno do objecto sino haver um simbolismo fálico, representar a necessária força masculina mas é certamente o difundir rápido da notícia a toda a comunidade.

Em casa evidencia-se a expectativa da família, acaso o silêncio, face ao lume aceso onde se aquece a água.

No quarto, espaço privilegiado, a parturiente e a "*comadre*", isto é, a parteira ou aparadeira. ⁽¹⁵⁾ A sua presença pressupõe a existência de uma necessidade muito concreta: o auxílio à parturiente. Autorizada publicamente a "*assistir*" ao trabalho de parto ela recria no quarto um ambiente sagrado. Fecham-se as janelas, cobre-se a parturiente com roupa, por vezes com as calças do marido, brilha uma vela benta e a candeia está acesa. Há luz, portanto, e também ela entroniza no simbólico.

A "*comadre*" desempenha, por excepção, um papel pontual: manter a ordem, apaziguar o sofrimento, aguçar a imaginação e provocar a "*adesão afectiva*" da parturiente tornando-a participativa. Enfim, velar e distrair, dure o parto o tempo que durar.

Da parteira transparece a imagem adquirida por uma situação de vizinhança e de solidariedade feminina desenvolvida entre as mães da comunidade. É ainda que seja pressuposto possuir uma formação própria ou simplesmente suficiente, nela realça mais do que o saber teórico a sua verdadeira experiência: a de ser mãe há muitos anos, a de mulher que muito viu e que muito aprendeu com as outras mães. Julga-se hábil, tem poder de decisão e de persuasão, é grande a sua comunicabilidade, é devota dos santos e crente na justiça divina.

Apesar deste leque de qualidades é, todavia necessário fazermos um reparo. A moralidade dos seus actos enraíza-se na sua própria consciência individual. E quando a sua "*erudição*", veiculada pela medicina oficial, é posta em causa não é de excluir que como reforço das suas capacidades recorra também a ritos mágicos, quiçá exorcismos, para impedir acções maléficas e abreviar a "*boa hora*".

Carente e dorida, a jovem mãe, já anteriormente apegada à devoção dos santos e santas considerados como protectores em tais momentos como por exemplo St^a Margarida, St^a Ana, St^a Catarina e St^a Marta, ⁽¹⁶⁾ aceita, uma vez mais, estreitar as suas relações com o sobrenatural esperando que aconteça o milagre... No Norte do País, admite apertar na mão a regra de S. Bento, como amuleto precioso para usar nos partos perigosos, ⁽¹⁷⁾ ou vestir a túnica de Frei

Bartolomeu dos Mártires para um rápido desfecho ⁽¹⁸⁾ ou ainda cingir-se com o cordão de S. Francisco para alívio das dores. ⁽¹⁹⁾ No Alentejo usos e costumes são diferentes. Tanto se pode colocar nas costas da parturiente a "*planta do pé do Senhor*", isto é, uma medida de pano do pé de alguma imagem de Cristo, ⁽²⁰⁾ como cingir ao seio a cobertura de seda de um cálice de missa. ⁽²¹⁾

E finalmente a última fase do parto. Para facilitar a saída das secundinas lança-se nas costas da mãe, sem que ela o saiba, umas pedras de sal. Pode também meter os seus próprios cabelos na boca ou até soprar com grande força em garrafa de vidro. ⁽²²⁾

Podemos concluir: o milagre aconteceu... a mulher pariu, o filho nasceu.

Uma última chamada de atenção para o conceito de milagre que Pina Cabral define como "*todo o acontecimento que corresponde a um desejo previamente expresso pelo indivíduo, e particularmente se esse desejo tiver sido manifestado por meio de rezas, promessas ou votos*".

Alcançado o Bom Sucesso há que cumprir as promessas, extravasar a gratidão, "*pagar a dívida*": doando um vestido ou um manto, fazendo uma peregrinação, talvez mesmo entregando um ex-voto num qualquer santuário em honra do santo ou santa da sua devoção, ou até em honra de Maria, a Virgem-mãe, considerada "*mito maior da religião católica*".

NOTAS

- (1) É nosso propósito auscultarmos os sentimentos das mulheres nos momentos decisivos da gravidez e do parto através da visão popular que sobressai em algumas crenças e práticas devotas que encontramos em colectâneas de tradições. Centrâmo-nos no séc. XVIII procurando todavia, os fios condutores dos séculos antecedentes e não esquecendo que a transformação de conceitos, crenças e práticas, assumidas de geração em geração tendem a permanecer. — (2) O acto de nascer, indispensável à conservação da espécie, não pode dissociar-se nem da condição humana nem da posição que os progenitores ocupam na sociedade. — (3) Do "Adágio Médico", in *Medicina Popular*, cit. in *Revista Lusitana*, vol. XXVI, p. 158. — (4) Morato Roma *Luz da Medicina*, 4ª edição, Coimbra, 1726, cap. VIII, p. 303. — (5) Esta lei está expressa nas Ordenações Filipinas, Lv. I, tit. 73, cit. in *Revista Lusitana*, cit. vol. XXII, p. 67. — (6) Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, 1924 Parte I, Lv. III, cap. I, p. 8. — (7) Idem, p. 9. — (8) Idem, lug. cit. — (9) Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana*, Porto, 1750, cap. II, p. 46. Veja-se também, que a tradição popular e a medicina não ignoram esse outro campo tão característico, definido e que define o estado de prenhez — os apetites ou "desejos" das grávidas. — (10) "Medicina Popular", in *Revista Lusitana*, vol. XXVI, p. 159. — (11) Morato Roma, *ob. cit.*, cap. VIII, p. 303 — (12) Idem, p. 304. — (13) Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, Parte I, Lv. III, cap. I, p. 13 — (14) Tradições Populares do Cadaval, in *Revista Lusitana*, vol. VI, p. 124 — (15) "Todas as mulheres se valem delas, e só delas se fião em caso de tamanho perigo e aperto". Sebastião de Sousa, *Luz de Comadres ou Parteiras*, Lisboa, 1725, in Prologo. — (16) Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, Parte I, Lv. III, p. 12 — Teresa Joaquim, *Dar à Luz*, Lisboa, 1983, p. 66 — (17) *Revista Lusitana*, vol. XIX, p. 242. A mesma fonte refere que esta devoção não é apenas portuguesa. Tem o seu paralelo em Itália, França e Espanha. — (18) Idem, lug. cit. — (19) Idem, vol. IV, p. 188 — (20) Idem, vol. IX, p. 117 — (21) Idem, lug. cit. — (22) Idem, lug. cit.

Bibliografia

Fontes

- HENRIQUES, Francisco da Fonseca – *Medicina Lusitana*, Porto, 1750.
- SOUSA, Sebastião de – *Luz de Comadres*, Lisboa, 1725
- *REVISTA LUSITANA* – vol. II a XIII, e XVII a XXXVIII
- ROMA, Francisco Morato – *Luz da Medicina*, 4ª Edição, Coimbra, 1726
- VASCONCELOS, José Leite – *Etnografia Portuguesa*, Lv. III, Lisboa, 1924

Obras de Consulta

- *Actes du Colloque International "La Religion Populaire"*, Paris, 17 - 19 Octobre, 1977. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1979
- CARVALHO, Silva – "Subsídios para a história das parteiras portuguesas", in *Revista da Medicina Contemporânea*, 1931
- FROESCHLE-Chopard – *La religion populaire en Provence Orientale au XVIII^e siècle*", in *Cahiers Médicaux*, 2 (15) 1976
- GARDEN, Jacques – "La Formation des Accoucheurs et les Sages-femmes aux XVII^e et XVIII^e siècles", *Annales - D. H.*, 1977
- GLASSCHEIB, H. S. – *Os Grandes Segredos da Medicina*, Edição Livros do Brasil
- LAGET, Mireille – *Naissances*, Paris, 1982
- MIRA, Matias Ferreira – *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, 1947
- "Parto e Maternità. Momenti della Biografia femminile", in *Quaderni Storici*, Roma, Agosto, 1980